

Documentário de
SILMARA PINTO GONÇALO AZEVEDO
Orientação: Prof. Dr. Rodrigo Soares G. Rodrigues

MEMÓRIAS E VOZES

**desafios e mediações no
contexto educacional pandêmico**

Apresentação

O documentário “Memórias e Vozes: desafios e mediações no contexto educacional pandêmico da EPT” foi produzido a partir de entrevistas, em que os Coordenadores Pedagógicos das duas instituições de ensino pesquisadas- IFB Campus Gama e CEMI Gama- por meio das suas memórias e vozes, relataram as mediações realizadas, os desafios enfrentados durante a pandemia e suas implicações para o trabalho docente da Educação Profissional e Tecnológica no pós-pandemia. Como resultado da investigação, constatamos que durante a pandemia diversos aspectos afetaram a realização do trabalho docente, como a oferta de formação aligeirada e o esforço próprio dos professores na busca por formação fora das instituições, a falta de direcionamento e falha de comunicação para o desenvolvimento das estratégias, a sobrecarga de trabalho, a falta de infraestrutura tecnológica, a ausência de ações no cuidado com a saúde mental dos professores, dentre outros entraves, e que grande parte das dificuldades enfrentadas ainda permanecem no cenário educacional hodierno. Assim, foi possível aferir que mesmo com todos os percalços manifestados durante a pandemia, os professores mostraram-se resistentes diante das adversidades e que poucas foram as ações governamentais desenvolvidas para a melhoria das condições precárias evidenciadas, não estando as redes públicas de ensino preparadas para uma nova eventualidade que exija o ensino remoto emergencial.

À vista disso, a pesquisa busca contribuir para que novos estudos tenham como propósito a elaboração de políticas educacionais, junto aos sindicatos e governo, voltadas à melhoria da infraestrutura das instituições de ensino, a oferta de formação de professores para o desenvolvimento de metodologias que, de fato, contribuam para a aprendizagem e o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes da Educação Profissional e Tecnológica e demais modalidades da educação básica, além de se pensar ações que acolham os profissionais da educação no cuidado com a saúde mental, ademais outros aspectos que busquem ir de encontro com os interesses capitalistas.

Link de acesso ao documentário :
<https://youtu.be/jepRDeHjGFY>



Sumário



Personagens

Lugares

Narrativas

Dedicatória

•Registros da roda de conversa

Personagens



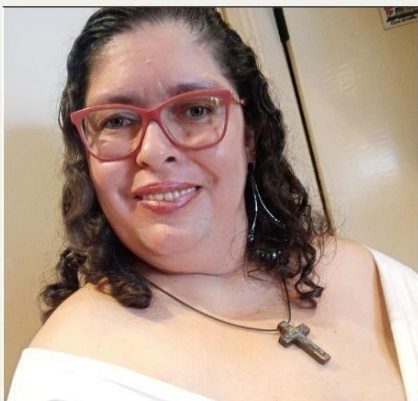
Eder

Eder Alonso Castro é graduado em Artes, Filosofia e Pedagogia, com Mestrado e Doutorado em Fundamentos da Educação pela Universidade Federal de São Carlos UFSCar. Atua na Educação Profissional há 8 anos, é professor e Coordenador Pedagógico do IFB Campus Gama desde 2018.



Shirlei

Shirlei Neves dos Santos é Doutora em Linguística Aplicada, professora da educação básica do Instituto Federal de Brasília Campus Gama e Coordenadora Pedagógica do curso de Química.



Edileusa

Edileusa Costa Silva de Carvalho é professora há 15 anos na Educação Profissional e Tecnológica, atuando no CEMI Gama. Formada em Química pela Universidade de Brasília, é especialista em EJA pela UnB. Atualmente é coordenadora pedagógica na instituição.



Getúlio

Getúlio Dias Malveira é professor na Educação Profissional e Tecnológica, atuando no CEMI Gama há 10 anos. É graduado em Filosofia e Mestre em História. É Coordenador Pedagógico na instituição.

Lugares



IFB Campus Gama



CEMI Gama



Narrativas

Sequência 1

Quantidade de cenas: 2

Cenas de abertura

Vídeo:

Letreiros na tela preta inicial:

*ProfETP apresenta

Produto educacional de Silmara Azevedo

Orientador: Prof. Dr Rodrigo Rodrigues

*Título: Memórias e Vozes: desafios e mediações no contexto educacional pandêmico da EPT

Cena 1- Plano da cidade do Gama

Cena 2- Imagem do IFB Campus Gama

Narração: A Região Administrativa do Gama completou 64 anos no dia 12 de outubro de 2024. De acordo com o PDAD 2021, a cidade tem uma área de 27.605,34 hectares e sua população urbana era de 137.331 pessoas. A RA II conta com duas importantes instituições públicas ofertantes da Educação Profissional e Tecnológica: O IFB Campus Gama e o Centro de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional do Gama, o CEMI Gama. A direção das duas instituições representam para os jovens da comunidade do Gama e do entorno um modelo de educação que possibilita a formação humana integral desses estudantes e tem a preocupação com o desenvolvimento socioeconômico local e regional. Essas são características presentes nos fundamentos da ETP desenvolvida nos Institutos Federais e na SEEDF e que são consideradas importantes para a formação profissional dos estudantes e para a sua comunidade.

Sequência 2

As marcas do fenômeno pandêmico no cotidiano escolar

“Olhar o passado deve ser apenas um meio e entender mais claramente o que e quem eles são, para que possam construir mais sabiamente o futuro”.

Paulo Freire

Diante da situação que assolou o mundo, em virtude da pandemia da COVID-19, qual foi a sua reação em saber que as atividades pedagógicas seriam interrompidas?

Shirlei (IFB)- *Então, no momento em que eu recebi essa notícia de que as aulas estavam paralisadas, calendário suspenso, certamente foi um sentimento de confusão mesmo, porque era algo muito novo, eu não sabia lidar com aquela situação, não sabia o que esperar daquilo.*

Edileusa (CEMI)- *O fato de não ser uma realidade só da escola não me preocupou. Eu comecei a me preocupar quando as escolas particulares começaram a voltar, mesmo que fosse no virtual e a secretaria parada, aí eu comecei a me preocupar, falei: ‘meus alunos, aí agora meus alunos estão perdendo’. Aconteceu desequilíbrio, porque nem todos os alunos voltaram, então como é a cabeça desse aluno que não voltou e como é a cabeça desse aluno que voltou, né? Então, a minha preocupação era muito com essa saúde mental, essa saúde emocional que a gente estava fazendo.*

Sequência 3

O trabalho pedagógico e o uso das tecnologias digitais

“Pra mim, a questão que se coloca é: a serviço de quem as máquinas e a tecnologia avançada estão? Quero saber a favor de quem, ou contra quem as máquinas estão sendo postas em uso...”

Paulo Freire

Em linhas gerais, como você avalia o trabalho pedagógico coletivo desenvolvido pela sua instituição de ensino durante a pandemia, no contexto do uso das tecnologias digitais?

Edileusa (CEMI)- *Talvez aqui não foi tão traumático, talvez o fato da gente está dentro da escola técnica de informática facilitou. A gente começou a fazer alguns encontros entre nós professores para ver o que a gente poderia fazer enquanto escola, não enquanto secretaria de educação, para diminuir essas perdas dos alunos, então no nosso trabalho coletivo ele começou antes do anúncio que a gente teria que voltar virtualmente. Então a gente trabalhou acho que uns 25 dias antes, nós antecipamos. Então esse trabalho coletivo, ele foi muito interessante.*

Éder (IFB)- *Não houve uma preparação anterior para depois começar a funcionar. Foi algo que foi acontecendo no processo, de muita troca entre os professores, muita troca de experiência, muita troca do fazer mesmo. Alguns professores tinham mais domínio de tecnologia, ensinando para os outros o que fazer, algumas coisas a gente foi aprendendo, fazendo. Foi um momento, assim, muito enriquecedor nesse sentido, mas não houve algo assim que nos preparasse para isso. O preparo foi acontecendo nesse processo de fazer, no fazer fazendo.*

Sequência 4

A formação continuada de professores durante a pandemia

“Ninguém começa a ser educado numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou é marcado para ser educador, a gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática.”

Paulo Freire

Como você avalia a formação ofertada durante a pandemia pela SEEDF/IFB para o uso das tecnologias digitais?

Shirlei (IFB)- *A formação em si, eu acredito que ela tenha sido um arranjo muito local ou um arranjo muito particular de cada curso, de cada colegiado, e às vezes de cada professor para lidar com essa situação. Eu sei que aqui, na nossa realidade, houve iniciativas de colegiados que fizeram formações específicas com os professores do próprio colegiado para adotarem metodologias ativas. O colegiado em que eu atuava não adotou, os professores optaram por não adotar, porque nós não tínhamos passado por essa formação. Então, inicialmente, a orientação geral era a seguinte, que íamos adotar o sistema remoto e que nesse sistema remoto nós podíamos aplicar aulas síncronas e assíncronas.*

O que, então, de modo geral aconteceu foi isso, que alguns professores restringiam o trabalho de ensino remoto à adoção um pouco mais precária dessas tecnologias digitais. Eu diria, assim, que houve um esforço institucional, no sentido de oferecer uma orientação pelo menos básica para isso, mas um esforço que de alguma maneira foi insuficiente, na medida em que também a própria instituição, na minha avaliação, não estava totalmente preparada para lidar com aquela situação toda. Então, não houve uma orientação de formação para o uso das tecnologias, tendo em vista um objetivo pedagógico bem definido, sabe? Era mais um arranjo mesmo para dar conta da situação inusitada em que nos encontrávamos à época.

Gétulio (CEMI)- *No caso específico do CEMI, nós já havíamos tido uma formação das ferramentas do Google Sala de Aula. Então, houve uma certa facilidade, os professores conseguiram aproveitar um pouco melhor. Mas, no geral, foi uma formação rápida, apressada, acredito que para alguém que não tinha familiaridade ainda com as ferramentas não foi suficiente.*

Sequência 5

Impactos da pandemia na coordenação pedagógica

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”

Paulo Freire

Na sua opinião, qual foi o fator que mais afetou negativamente a coordenação pedagógica durante o Ensino Remoto, na pandemia da Covid-19?

Gétulio (CEMI)- *A própria estrutura da reunião virtual ela é um pouco problemática. A reunião online ela é diferente da reunião presencial. Então, há uma dispersão, há, às vezes, uma dificuldade de comunicação dificuldade de retenção de informações. É menos focada, menos objetiva. Há uma dificuldade... é muito cansativa. Não é algo que na escola tenha alguma funcionalidade, é bem inferior à reunião online, atrapalhou bastante o planejamento.*

Sequência 6

O uso das tecnologias digitais no pós- pandemia

“Enquanto eu luto, sou movido pela esperança; e se eu lutar com esperança, posso esperar.”

Paulo Freire

No pós-pandemia, como a sua Instituição de Ensino tem aproveitado as ferramentas tecnológicas utilizadas ainda no Ensino Remoto?

Shirlei (IFB)- *Creio que não houve uma revolução das nossas práticas pedagógicas, considerando os recursos digitais. Nós, na medida do possível, aprendemos a integrar alguns desses recursos nas nossas práticas presenciais, sabe? Eu vejo que alguns professores continuam a usar como parte das práticas pedagógicas, outros como uma etapa prévia ou pós. Aquilo que a gente já fazia antes, que era usar o Class, para depois dar material de apoio, uma atividade, para reforçar o que foi ensinado em sala, aquilo permaneceu. E outros se perderam. Por exemplo, metodologias ativas que foram adotadas e depois foram revisadas, os professores, e inclusive os próprios alunos, entenderam que não eram metodologias que eles gostariam de continuar, porque eles entendiam que eles precisavam mais dos professores, e eram metodologias que exigiam muito só do aluno. Então, a gente teve também esses momentos com os estudantes de avaliação dessas metodologias para verificar a adequação, o alcance delas para os objetivos pretendidos.*

Sequência 7

Investimento em infraestrutura física e tecnológica

“Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia.”

Paulo Freire

Sobre a estrutura física/tecnológica, durante ou após a pandemia houve algum investimento/melhoria na sua instituição de ensino (estúdio de gravações, computadores, softwares) voltado para a atuação dos docentes? Caso a resposta seja SIM, quais foram os principais investimentos tecnológicos? Você considera que esse investimento foi suficiente? Por quê?

Gétulio (CEMI)- *No ponto de vista geral, do CEMI, assim como as outras escolas não receberam investimentos para equipamentos adequados durante a pandemia. Nem para os docentes nem para os discentes. E, de uma maneira geral, não houve um investimento em equipamento, em recursos. Agora do ponto de vista da escola, por outro lado, a escola, a gestão, a partir do momento em que em 2021 passamos a um processo híbrido, a escola fez uma mobilização com os recursos que já tem na escola de informática. Então houve uma mobilização para dar um equipamento mais ou menos adequado para tornar possível esse processo híbrido.*

Éder (IFB)- *Os investimentos foram muito pequenos. Foram muitos investimentos pessoais. Então, os professores, os coordenadores, acabaram comprando equipamentos e fazendo seus investimentos pessoais, câmeras para filmagem, microfone, fones de ouvido e tal, para conseguir manter suas aulas, fazer suas gravações. Isso foi muito do investimento pessoal. O investimento institucional, eu acho que foi muito mais voltado para os alunos.*

Sequência 8

A inserção dos estudantes da ETP na Era Digital

“Não basta saber ler que “Eva viu a uva”. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.”

Paulo Freire

Na sua opinião, quais são os maiores desafios que a EPT enfrenta atualmente para que haja, de fato, a inserção do estudante na Era Digital?

Gétulio (CEMI)- *Eu acredito que são dois os principais desafios. Primeiro é em termos de financiamento, de estrutura física. Uma Educação Profissional, da maneira como ela foi pensada, essa retomada de um pouco mais de dez anos para cá, no sentido da politécnica, do Saviani, exige um certo investimento, equipamento, instalações, em vagas ofertadas. Há também os atos pedagógicos, da gente compreender essa ideia da integração e da Educação Profissional, não como aquela educação, digamos assim, mais laboral da formação, de força de trabalho, mas uma educação de compreensão, ou seja, de aquisição de capacidade técnica. Mas isso é integrado a uma formação mais geral, uma formação, também, crítica. Dentro da própria escola, a gente enfrenta esse problema, há uma dificuldade entre o propedêutico e a área técnica, de conversar, de ver as linhas de contato, de integrar os projetos, de verdadeiramente ter uma educação integrada. Há um desafio de compreensão, de compreensão do modelo.*

Shirlei (IFB)- *O maior desafio para a gente, o docente, o servidor, é a formação dessa perspectiva. Não tem como fugir disso. Outro ponto que eu acho importante: eu não sei se nós temos que inserir os jovens no digital, sabe, porque eles já são do digital e é incrível o que eles conseguem fazer com esses recursos de internet. Eu não sei se eles são capazes de criar, mas de usar, às vezes bem, eles usam. E nós é que, às vezes, não temos ainda todas essas habilidades para fazer uso disso, não como uma forma só para dizer que a tecnologia está nas nossas práticas ou nas salas de aula, mas fazer uso disso em favor das nossas práticas pedagógicas mesmo, se isso realmente vai melhorar as nossas práticas. Passa por isso, de a gente ter um projeto maior de formação, mesmo, com esse enfoque, não do uso por uso, mas de um uso a favor do aprendizado, se isso de fato vai favorecer melhor o aprendizado do aluno.*

Sequência 9

A formação docente para o desenvolvimento das Competências Digitais no cenário pós-pandêmico

“Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de maneira crítica.”

Paulo Freire

Qual é a sua perspectiva em torno da formação docente para o desenvolvimento das competências digitais dos estudantes no cenário pós-pandêmico?

Edileusa (CEMI)- *A gente achava que o jovem dominava as ferramentas chamadas internet. Não, eles não dominam. Hoje, às vezes, as pessoas perguntam assim: ‘Dila, você tem medo da Inteligência Artificial?’ Eu não tenho. Se você não sabe qual a pergunta que você vai fazer, você não vai ter a resposta que você precisa. Então, se a gente está preparado, enquanto educador, eu não sei, a gente vai saber ao longo do processo. Mas eu percebo que isso é necessário, sabe, assim, que também não adianta falar que o educador, o docente, vai fazer essa educação digital. Primeiro ele tem que aprender a ter essa educação digital. Então a gente precisa aprender essa educação digital, que quando a gente fala de educação digital, muita gente pensa que é aprender a usar as ferramentas. Não, aprender a lidar com esse mundo digital e que ele não é o único e que a gente precisa entender as relações, e elas nem sempre acontecem só virtualmente.*

Éder (IFB) - *Hoje a gente está inclusive vivendo um problema com isso, com a história da lei de proibir o uso do celular. É uma coisa que a gente já trabalhou aqui no início do ano sobre: proibir o uso do celular em sala de aula, não proibir, como disponibilizar essa questão? Eu acho que isso varia muito de professor para professor. Tem professor que consegue fazer um trabalho utilizando as ferramentas digitais de uma forma bem interessante, mas a gente percebe que uma grande parte tem dificuldade e não tem interesse em fazer, não tem interesse em desenvolver. Os alunos acabam ensinando muito mais para a gente do que a gente para eles nessa questão da tecnologia.*

Sequência 10

O legado das tecnologias digitais para o trabalho pedagógico

“A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber.”

Paulo Freire

Na sua opinião, quais foram os benefícios que o uso das tecnologias digitais na pandemia representou para a sua prática docente atual?

Gétulio (CEMI)- *Foi um processo muito desafiador, muito desgastante, mas conseguimos trazer alguns aprendizados. Um aprendizado das próprias ferramentas. Alguns professores antes da pandemia já utilizavam algumas das ferramentas, outros passaram a utilizar, os que já utilizavam para trocas de experiências ali durante a pandemia, passaram a utilizar melhor, aperfeiçoaram o uso. Nós próprios da Coordenação, da Direção, também internalizamos algumas ferramentas no planejamento da escola- ata digital, calendário digital- o que dinamizou. O processo aqui da escola, o processo de comunicação com os professores, o processo de coordenação pedagógica, e também o diálogo com os alunos. A pandemia, o processo remoto exigiu uma troca de ideias mais constantes com os alunos, que foi um hábito, um mecanismo. A gente acabou por manter e mantemos até hoje.*

Éder (IFB)- *Uma das primeiras coisas é perder esse medo da câmera. É uma resistência que a gente tem muito grande. Outra coisa é conseguir ser mais objetivo naquilo que a gente organiza. O aprendizado maior foi esse, de conseguir sintetizar conteúdos em tempos menores e de disponibilizar muita coisa que tem pronta hoje. Esse uso da tecnologia aproximou bastante hoje, mas ainda é algo bastante ao nível de usuário e não de produtor. São poucos os professores, poucos os docentes que realmente conseguem produzir conteúdos e disponibilizar para que as aprendizagens sejam melhoradas.*

Sequência 11

Cuidado com a saúde mental dos professores no pós-pandemia

“A desumanização, embora seja um fato histórico concreto, não é um destino dado, mas resultado de uma ordem injusta que gera violência nos opressores, o que, por sua vez, desumaniza os oprimidos.”

Paulo Freire

Estudos apontam que durante a pandemia muitos docentes foram acometidos por doenças mentais, em razão da falta de infraestrutura e de formação para o uso das tecnologias digitais, da sobrecarga de trabalho, dentre outros fatores. A/ O SEEDF/IFB previu em seus planos estratégicos ações voltadas para o cuidado com a saúde mental dos profissionais da educação. Hoje, no pós-pandemia, você considera que há esse cuidado? Quais são as suas percepções acerca dessas ações?

Edileusa (CEMI)- *Tenho dois relatos que eu acho muito interessante. Porque eu tenho um amigo que hoje ele entrou de atestado, foi ao NAMO trocar o atestado. Hoje ele faz o acompanhamento mensal dentro do NAMO, que a gente nunca ouviu falar nisso. Então existe essa preocupação, achei interessante. O outro, é dentro da Regional de Ensino do Gama, que é onde nós estamos, tem o Espaço Olhar. Psicólogas conversavam conosco, nos ouviam e era assim, conversavam conosco coletivamente. Então era uma coordenação coletiva onde a psicóloga falava sobre essa questão, sobre esse cuidado que a gente precisava ter com o nosso ambiente, organizar o ambiente para trabalhar. Hoje, ainda, eles fazem agendamento, então tem várias rodas de conversa, inclusive para a sociedade.*

Shirlei (IFB)- *Eu reconheço que o Instituto Federal tem uma política de proteção, sim, dos trabalhadores, de busca e da criação de um ambiente que seja saudável. Mas, apoio direto, eu acho que isso não acontece, de disponibilizar, até porque há um entendimento de que o próprio servidor tem condições de buscar apoio, por meio da saúde, recorrer a um profissional da saúde- ele tem esses caminhos e essas ferramentas acessíveis. Mas, que há um esforço institucional, no sentido de coibir, no sentido de desmotivar, desincentivar práticas que sejam nocivas ao trabalho. Eles encaminham formações que estão acontecendo, ou sendo promovidas por outros órgãos, sobre assédio, sobre discriminação. A gente tem mais essa liberdade também de falar, de se opor. Mas, assim, uma política direta, eu desconheço.*

Sequência 12

O ser pós-pandemia

“Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos.”

Paulo Freire

Diante de todas as experiências vivenciadas no contexto educacional durante a pandemia, como você se vê hoje como ser humano, como profissional?

Edileusa (CEMI)- *Existe um novo aluno, existe um novo professor. Estamos mais cansados, estamos extremamente cansados. Mas ao mesmo tempo, eu acho que a pandemia, ela nos trouxe alguma segurança que a gente já estava perdendo. Nós descobrimos que as relações humanas são indispensáveis no processo de aprendizagem. Então, assim, eu não sei se eu melhorei enquanto pessoa, pós-pandemia. Mas eu consigo ter uma visão de mundo que a gente vai passar por esse processo ainda depressivo, de adoecer mais emocionalmente, em função dessa pandemia. Mesmo daqui a dez anos a gente vai estar colhendo rastros dessa pandemia, desse isolamento, dessas confusões todas que nós vivemos. Eu ainda me questiono: como é que a gente não aprendeu nada? Então se uma nova virose vir aí, a gente vai continuar duvidando das viroses, vai continuar questionando a ciência? Então no pós pandemia eu fico muito pensando nisso: o que que nós aprendemos enquanto ser humano, enquanto sociedade?*

Shirlei (IFB)- *Eu diria que eu me humanizei mais, e ao mesmo tempo, eu me sinto mais forte, sabe? Que a pandemia foi uma experiência dura, difícil, mas que foi também um aprendizado, pelo menos para mim. Eu me tornei muito amiga dos meus alunos que passaram comigo durante a pandemia. Parece que foi um momento, assim, que a gente teve que criar vínculos. A principal lição que eu tenho hoje de vida, é que a gente tem que buscar na gente, nos outros, nessa força, para enfrentar com serenidade esses desafios, porque não dá para se desesperar. Agora eu me sinto mais cansada, para falar a verdade. Parece que passou aquele, 'nossa, vamos voltar aproveitar tudo, tudo' e parece que aquela energia meio que escoou um pouco. Mas, foi muito bom.*

Sequência 13- Encerramento

Esse documentário é dedicado a todos os profissionais da educação que em meio às adversidades lutaram durante a pandemia da Covid-19 para a melhoria da qualidade da educação que acreditam no potencial do seu trabalho para a transformação da sociedade.



“Se a educação sozinha não transforma a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda.”

Paulo Freire

Registros da roda de conversa



Narração:

Prof. Dr. Rodrigo Soares Guimarães Rodrigues
Priscilla de França

Agradecimento:

Diretora Geral do IFB Profa. Andresa Cristina de Andrade
Diretor do CEMI Gama Carlos Lafaiete Formiga Menezes

Profa. Esp. Edileusa Costa Silva de Carvalho

Profa. Dra. Shirlei Neves dos Santos

Prof. Dr. Eder Alonso Castro

Prof. Me. Getúlio Dias Malveira

Profa. Esp. Valéria Alcântara

Prof. Esp. Natan Barbosa Rodrigues

Prof. Esp. Antonio Adriano Teixeira

Prof. Dr. Rodrigo Soares

Guimarães Rodrigues

Prof. Dr. Fernando Santos Sousa

Prof. Dr. Thiago de Faria e Silva

Prof. Dr. Ricardo Faustino Teles

Prof. Dr. Sebastião Ivaldo Carneiro Portela

Mestre Paulo Barbosa Santos

Priscilla de França

Intérprete de Libras:

Weslecley Carvalho Batista Moreira